

O
HOMEM
ILUSTRADO
RAY
BRADBURY

tradução:
Eric Novello



BIBLIOTECA AZUL

SUMÁRIO

Pular sumário [»»]

Dançando para não estar morto

Prólogo: O Homem Ilustrado

A savana

Caleidoscópio

O jogo virou

A estrada

O homem

A longa chuva

O Homem do Foguete

A última noite do mundo

Os exilados

Nenhuma noite ou manhã específica

A raposa e a floresta

O visitante

O misturador de concreto

Marionetes, S.A.

A cidade

Hora zero

O foguete

O Homem Ilustrado

Epílogo

Notas

Créditos

Para Henry Kuttner, com meu muito obrigado por sua
ajuda e incentivo neste livro.

Este livro é para PAI, MÃE e SKIP, com amor.

DANÇANDO PARA NÃO ESTAR MORTO

UMA INTRODUÇÃO POR RAY BRADBURY

NUMA NOITE, AO ME servir *une grande beer*, meu amigo garçom Laurent, que trabalhava na Brasserie Champs du Mars, nos arredores da Torre Eiffel, me explicou sua vida.

— Trabalho de dez a doze horas, às vezes catorze — ele diz. — Depois, à meia-noite eu saio para dançar, dançar e dançar até umas quatro ou cinco da manhã, e aí vou para a cama, dormir até umas dez. Então é hora de levantar e ir para o trabalho às onze, e passar mais dez ou doze, ou às vezes quinze horas, trabalhando.

— Como você consegue? — eu pergunto.

— Fácil — ele responde. — Dormir é estar morto. É como morrer. Então dançamos. Dançamos para não estarmos mortos. Não queremos isso.

— Quantos anos você tem? — pergunto, finalmente.

— Tenho vinte e três — ele responde.

— Ah — eu digo, segurando gentilmente no seu cotovelo.

— Você disse vinte e três?

— Vinte e três — ele diz, sorrindo. — E *você?*

— Setenta e seis — eu respondo. — E tampouco quero estar morto. Mas não tenho vinte e três. Como posso responder? O que *eu* faço?

— Sim — disse Laurent, ainda sorrindo e inocente. — O que *você* faz às três da manhã?

— Escrevo — digo, finalmente.

— Escreve! — Laurent diz, espantado. — *Escreve?*

— Para não estar morto — digo. — Que nem você.

— Que nem eu?

— Sim — digo, também sorrindo. — Às três da manhã eu escrevo, escrevo e escrevo!

— Você tem muita sorte — diz Laurent. — Você é muito jovem.

— Por enquanto — digo. Termino minha cerveja e subo até minha máquina de escrever para finalizar uma história.

Então, qual é a minha coreografia para enganar a morte?

Uma história após a outra, *O Homem Ilustrado* esconde metáforas prestes a explodir.

Na maioria dos casos eu nem sei quais metáforas estão prestes a serem impressas a partir da minha retina.

Teorizamos sobre o que acontece no cérebro, mas ele é uma área em grande medida inexplorada. O trabalho de um escritor é atrair essas coisas para fora e ver o que acontece. A surpresa, como eu já disse várias vezes, é tudo.

Veja “Caleidoscópio”, por exemplo. Decidi numa manhã, quarenta e seis anos atrás, explodir um foguete e arremessar meus astronautas na imensidão do espaço para ver o que aconteceria. O resultado é uma história republicada em incontáveis antologias e que apareceu e reapareceu em

auditórios de escolas e faculdades. Alunos de todo o país encenaram a história em aula, para me ensinar mais uma vez que um teatro não precisa de palco, luzes, figurino ou som. Só atores na escola, na garagem de alguém ou na frente de uma loja, dizendo as falas e sentindo a paixão.

O palco limpo de Shakespeare ainda permanece como um bom exemplo. Ao assistir às crianças encenando o território sombrio de “Caleidoscópio” numa tarde ensolarada de verão no vale de San Fernando, decidi escrever e montar a minha própria versão. Como se enfiar um milhão de quilômetros de voo interplanetário num palco de doze por seis metros? Você vai lá e *faz*. E, quando o último meteoro humano cai flamejante do céu, não existe um olho seco na plateia. Todo o tempo, o espaço e as batidas do coração de sete homens estão presos em palavras que, quando ditas, os libertam.

E se é um termo essencial para muitas dessas histórias.

E se você aterrissasse num mundo distante um dia depois de Cristo ter ido embora para algum outro lugar? Ou, e se Ele ainda estivesse lá, esperando? Daí “O homem”.

E se você pudesse criar um mundo dentro de uma sala, que quarenta anos depois seria chamado de primeira realidade virtual, e colocasse uma família nessa sala, cujas paredes poderiam afetar suas mentes e induzir a pesadelos? Construí a sala na minha máquina de escrever e deixei minha família explorá-la. Ao meio-dia, os leões tinham saltado das paredes e meus filhos estavam tomando chá no final.

E se um homem pudesse encomendar um robô marionete que fosse seu clone perfeito? O que aconteceria se o deixasse com sua esposa enquanto saía à noite? “Marionetes, S.A.”

E se todos os seus escritores preferidos na infância se escondessem em Marte porque seus livros estavam sendo queimados na Terra? “Os exilados.” O início de mais incêndios que três anos depois eu faria com livros: Fahrenheit 451.

*E se pessoas negras (nós as chamávamos de “pessoas de cor” quando escrevi “O jogo virou”, em 1949) chegassem em Marte primeiro, criassem raízes, construíssem cidades e se preparassem para dar as boas-vindas aos brancos quando eles chegassem? O que aconteceria em seguida? Escrevi a história para descobrir. Então não consegui que uma revista americana comprasse a história. Foi muito tempo antes do Movimento dos Direitos Civis, a Guerra Fria estava começando e o Comitê de Atividades Antiamericanas do Senado estava fazendo reuniões comandadas por Parnell Thomas (Joseph McCarthy chegaria mais tarde). Nesse clima, nenhum editor queria aterrissar em Marte com meus imigrantes negros. Finalmente ofereci “O jogo virou” para a *New Story*, uma revista de Paris editada pelo filho de Martha Foley, David.*

E, mais uma vez, e se você tivesse um monte de sucata no seu quintal? Ficaria tentado a soldar as peças e fazer uma viagem até a Lua? Existia um ferro-velho assim uns quinze metros atrás da minha casa em Tucson, no Arizona, quando eu tinha doze anos. Lá eu fazia viagens até a Lua no final da tarde e depois corria para o cemitério de locomotivas a dois quarteirões de distância, subindo nos motores a vapor abandonados para assobiar até Kankakee, Oswego, ou até a distante Rockaway. Entre o foguete do ferro-velho e as locomotivas antigas, eu nunca parava em casa. Daí “O foguete”.

Os *e se* ricocheteavam na minha cabeça.

Em outras palavras, o lado esquerdo do meu cérebro, se é que *existe* um lado esquerdo, sugeria. O lado direito do meu cérebro, se é que *existe* um lado direito, organizava.

Não adianta sugerir na esquerda se nada estiver acontecendo na direita. Tive sorte com a minha genética. Deus, o cosmos, a força da vida, o que quer que seja, fez meu lado direito ser um apanhador de qualquer coisa que o campo esquerdo arremessasse na sua direção. Uma metade, a esquerda, parece óbvia. A outra, a direita, permanece misteriosa, desafiando-o a ir encontrá-la na luz.

A sessão mediúnica, ou seja, a máquina de escrever, computador, caneta, lápis e papel estão lá para apanhar os fantasmas antes de eles se dissiparem no ar.

Chega de fazer graça, meu pai resmungaria. Seja claro, o que você quer dizer com isso?

O que estou tentando dizer é que o processo criativo se parece bastante com a forma antiga de fotografar com uma câmera enorme, você mexendo nas coisas debaixo de um pano preto, procurando imagens no escuro. Os retratados podem ter se mexido. Ou talvez tenha entrado luz demais. Ou menos luz do que o necessário. Só podemos sair fuçando, e fuçando rápido, torcendo para ter obtido alguma imagem.

Dito isso, essas são as imagens obtidas, que foram despertadas na alvorada, posaram no café da manhã e foram finalizadas ao meio-dia. Todas sem final às dez da manhã, todas com termos felizes ou infelizes somente depois do almoço, ou com café fraco e conhaque forte às quatro.

Arriscando-me no amor, como dizia uma velha canção.

Ou, nas palavras da canção “Twelve Chairs”, de Mel Brooks:

*“Hope for the best,
Expect the worst,
You could be Tolstoy
Or Fannie Hurst”^[1]*

Quis ser como H.G. Wells ou fazer companhia a Júlio Verne. Quando encontrei meu lugar entre os dois, fiquei em êxtase.

Termino como comecei. Com meu amigo garçom parisiense, Laurent, dançando a noite toda, dançando e dançando.

Minhas canções e coreografias estão aqui. Elas preencheram meus anos, os anos em que me recusei a morrer. E para isso eu escrevi, escrevi e escrevi, fosse meio-dia ou três da manhã.

Para não estar morto.

PRÓLOGO

O HOMEM ILUSTRADO

ERA UMA TARDE QUENTE no início de setembro quando encontrei o Homem Ilustrado pela primeira vez. Eu passava por uma estrada asfaltada, estava no trecho final de uma caminhada de duas semanas pelo estado de Wisconsin. No fim da tarde parei, comi um pouco de carne de porco, feijão e uma rosquinha. Estava me preparando para me alongar e ler quando o Homem Ilustrado escalou a colina e ali ficou um momento, o céu destacando seus contornos.

Na época eu não sabia que ele era ilustrado. Só sabia que ele era alto e já tinha sido musculoso, mas agora, por algum motivo, estava engordando. Lembro que seus braços eram longos e as mãos, grandes, mas o rosto parecia o de uma criança, colado a um corpo imenso.

Ele pareceu apenas sentir minha presença, pois não olhou diretamente para mim quando disse suas primeiras palavras:

— Você saberia me dizer onde consigo arrumar um emprego?

— Infelizmente não — respondi.

— Faz quarenta anos que não consigo um emprego duradouro — ele disse.

Apesar do calor no final da tarde, ele vestia sua camisa de flanela justa, abotoada até o pescoço. As mangas estavam desenroladas e abotoadas por cima dos seus pulsos grossos. Escorria suor do seu rosto, mas ele não fazia qualquer menção de abrir a camisa.

— Bom — ele disse, finalmente —, este parece um lugar razoável para passar a noite. Se importa de ter companhia?

— Tenho um pouco de comida sobrando que você pode aproveitar, se quiser — eu disse.

Ele se sentou pesadamente, com um grunhido de esforço.

— Você vai se arrepender de ter me pedido para ficar — ele disse. — Todo mundo se arrepende. Por isso estou caminhando. Aqui estamos, início de setembro, no melhor da temporada de festivais do Dia do Trabalhador. Eu deveria estar ganhando um monte de dinheiro em alguma comemoração de cidade pequena, mas aqui estou, sem perspectivas.

Ele tira um sapato imenso e o examina de perto.

— Costumo manter um emprego por cerca de dez dias. Aí alguma coisa acontece e sou despedido. A essa altura nenhum circo dos Estados Unidos chegaria nem perto de mim.

— Qual é o problema? — perguntei.

Para me responder, ele desabotoou o colarinho apertado lentamente. Com os olhos cerrados, desabotoou devagar sua camisa até embaixo. Deslizou seus dedos para dentro para sentir seu peito.

— É engraçado — ele disse, olhos ainda fechados. — Não dá para senti-las, mas elas estão aí. Sempre torço para um dia

olhar e elas terem desaparecido. Caminho no sol por horas nos dias mais quentes, cozinhando, torcendo para meu suor lavá-las, para o sol queimá-las, tirando-as de mim, mas, quando o sol se põe, elas ainda estão aí. — Ele virou a cabeça ligeiramente na minha direção e expôs o peito. — Elas ainda estão aí agora?

Depois de algum tempo, soltei a respiração.

— Sim — eu disse — ainda estão aí.

As ilustrações.

— Outro motivo para manter a gola abotoada — ele disse, abrindo os olhos — são as crianças. Elas me seguem pelas estradas rurais. Todas querem ver as imagens, ao mesmo tempo que ninguém quer vê-las.

Ele tirou a camisa e a amassou em suas mãos. Estava coberto de ilustrações, desde o anel azul tatuado em volta do pescoço até a linha da cintura.

— Continua para baixo — ele disse, adivinhando meus pensamentos. — Sou todo ilustrado. Veja.

Ele abriu a mão. Na palma havia uma rosa, recém-cortada, com gotas de água cristalina no meio das macias pétalas rosadas. Estiquei minha mão para encostar nela, mas era apenas uma ilustração.

Quanto ao resto dele, não sei dizer por quanto tempo parei e observei, pois ele era um tumulto de foguetes, fontes e pessoas, em detalhes e cores tão complexos que era possível ouvir as vozes da multidão que habitava seu corpo murmurando, baixinho. Quando sua carne tremia, as minúsculas bocas abriam e fechavam, os minúsculos olhos verdes e dourados piscavam, as minúsculas mãos cor-de-rosa

gesticulavam. Havia pradarias amarelas, rios azuis e montanhas, estrelas, sóis e planetas espalhados numa Via Láctea pelo seu peito. As pessoas estavam em vinte ou mais grupos diferentes nos seus braços, ombros, costas, flancos e punhos, bem como na planície da sua barriga. Podia-se encontrá-los em florestas de pelos, espreitando entre uma constelação de sardas ou espiando de cavernas de axilas, olhos de diamante brilhando. Cada um parecia concentrado em sua própria atividade; cada um deles, um retrato diferente em uma galeria.

— Ora, são incríveis — eu disse.

Como poderia explicar as ilustrações? Se El Greco, em seu auge, tivesse pintado miniaturas, nenhuma maior que uma mão, infinitamente detalhadas, com todas as suas cores sulfúricas, suas formas e anatomia, talvez ele tivesse usado o corpo desse homem para sua arte. As cores ardiam em três dimensões. Eram janelas para observar uma realidade incandescente. Aqui, reunidas numa parede, estavam todas as cenas mais refinadas do universo; o homem era uma galeria ambulante de tesouros. Isso não era obra de algum tatuador barato de circo, com três cores e um bafo de uísque. Essa era a realização de um gênio vivo, vibrante, clara e linda.

— Ah, sim — disse o Homem Ilustrado. — Tenho tanto orgulho das minhas ilustrações que gostaria de queimá-las. Já tentei lixa, ácido, uma faca...

O sol estava se pondo, a lua já tinha subido no leste.

— Pois, veja — disse o Homem Ilustrado —, essas ilustrações preveem o futuro.

Eu não disse nada.

— Durante o dia não tem problema — ele prosseguiu. — Eu poderia manter um trabalho diurno num circo. Mas à noite as imagens se movem. As figuras mudam.

Eu devo ter sorrido.

— Faz quanto tempo que é ilustrado?

— Em 1900, quando tinha vinte anos de idade e trabalhava num circo, quebrei a perna. Fiquei imobilizado, precisava me ocupar, então decidi ir atrás de uma tatuagem.

— Mas quem tatuou você? O que aconteceu com o artista?

— Ela voltou para o futuro — ele disse. — Estou falando sério. Era uma velha numa pequena casa no meio de Wisconsin, algum lugar não muito longe daqui. Uma bruxa velhinha que parecia ter mil anos em um instante e vinte anos no outro, mas ela disse que podia viajar pelo tempo. Eu ri. Agora sei que não era piada.

— Como você a conheceu?

Ele me contou. Ele tinha visto um anúncio pintado por ela na estrada: ILUSTRAÇÕES NA PELE! Ilustração, e não tatuagem! Artística! Então ele ficou sentado a noite inteira enquanto suas agulhas mágicas o picavam como vespas ou como abelhas delicadas. De manhã, ele parecia um homem que tinha caído numa prensa colorida de vinte tons e tinha sido espremido para fora, todo vibrante e pitoresco.

— Saio à caça dela todo verão há cinquenta anos — ele disse, jogando as mãos para o alto. — Quando encontrar aquela bruxa, vou matá-la.

O SOL JÁ TINHA ido embora. As primeiras estrelas estavam brilhando e a lua iluminava os campos de grama e trigo. Ainda assim, as imagens do Homem Ilustrado cintilavam como carvões na meia-luz, como rubis e esmeraldas espalhados, com cores de Rouault e Picasso e os corpos longos e esguios de El Greco.

— Então as pessoas me mandam embora quando as imagens se movem. Elas não gostam quando coisas violentas acontecem nas minhas ilustrações. Cada ilustração é uma pequena narrativa. Se observá-las, em alguns minutos elas contarão uma história. Em três horas, você poderia assistir a dezoito ou vinte histórias acontecendo no meu corpo, poderia escutar vozes e pensamentos. Está tudo ali, só esperando você olhar. Mas, acima de tudo, existe um espaço especial no meu corpo. — Ele exhibe suas costas. — Está vendo? Não tem nenhum desenho especial no meu ombro direito, só uma confusão.

— Sim.

— Quando passo tempo suficiente com alguém, o espaço fica nebuloso e é preenchido. Se estou com uma mulher, sua imagem aparece ali nas minhas costas, em uma hora, e mostra sua vida toda: como ela viverá, como ela vai morrer, como ela será quando tiver sessenta anos. E, se for um homem, uma hora depois sua imagem está ali nas minhas costas. Mostra-o caindo de um penhasco ou morrendo atropelado por um trem. Então sou despedido novamente.

Enquanto falava, suas mãos ficaram o tempo todo perambulando sobre as ilustrações, como se fosse ajustar suas molduras, espanar pó... os gestos de um *connoisseur*, um

patrono das artes. Então ele se reclinou, longo e cheio na luz da lua. Era uma noite quente. Não havia brisa e o ar estava abafado. Ambos estávamos sem camisa.

— E você nunca encontrou a velha?

— Nunca.

— E acha que ela veio do futuro?

— De que outro jeito ela saberia essas histórias que pintou em mim?

Ele fechou os olhos, cansado. Sua voz ficou ainda mais fraca.

— Às vezes, consigo senti-las de noite, as imagens, como formigas rastejando pela minha pele. Então sei que elas estão fazendo o que precisam fazer. Eu não olho mais para elas, só tento descansar. Não durmo muito. Não olhe para elas também, estou avisando. Vire para o outro lado quando for dormir.

Deitei a poucos metros dele. Ele não parecia violento, e as imagens eram lindas. Do contrário, eu teria ficado tentado a fugir dessas baboseiras. Mas as ilustrações... Eu deixei meus olhos se alimentarem delas. Qualquer pessoa ficaria um pouco maluca com coisas assim no próprio corpo.

A noite estava tranquila. Podia ouvir a respiração do Homem Ilustrado à luz da lua. Grilos se remexiam gentilmente nas ravinas distantes. Eu estava deitado de lado para poder observar as ilustrações. Talvez meia hora tivesse se passado. Eu não sabia se o Homem Ilustrado tinha dormido, mas subitamente o ouvi sussurrar:

— Estão se movendo, não estão?

Eu esperei um minuto.

Então disse:

— Sim.

As imagens estavam se movendo, uma por vez, cada uma por um ou dois breves minutos. Ali, à luz da lua, com os minúsculos pensamentos brilhantes e as vozes distantes do mar, cada pequeno drama parecia ser encenado. Se os dramas levavam uma ou três horas para terminar, era difícil dizer. Eu só sei que fiquei ali, fascinado, e não me movi enquanto as estrelas corriam pelo céu.

Dezoito ilustrações, dezoito histórias. Eu as contei uma por uma.

De início, meus olhos se concentraram numa cena, uma casa grande com duas pessoas nelas. Vi um bando de abutres num céu de carne ardente, vi leões amarelos e ouvi vozes.

A primeira ilustração estremeceu e ganhou vida...

A SAVANA

— GEORGE, QUERIA QUE você desse uma olhada no berçário.

— O que tem de errado com ele?

— Não sei.

— Pois então.

— Só queria que desse uma olhada nele, só isso, ou chamasse um psicólogo para dar uma olhada.

— O que um psicólogo faria em um berçário?

— Sabe muito bem o que ele faria. — A esposa parou no meio da cozinha e observou o fogão ocupado zumbindo para si mesmo, preparando jantar para quatro pessoas.

— É só que o berçário está diferente do que era antes.

— Certo, vamos lá ver.

Eles caminharam pelo corredor de sua Casa Vida Feliz com isolamento acústico que custara trinta mil dólares para ser instalada, a casa que os mantinha vestidos, alimentados e colocava-os para dormir, tocando e cantando e cuidando deles. Ao se aproximarem, um sensor se ativou em algum lugar e a luz do berçário acendeu quando chegaram a três metros dele. De forma similar, atrás deles, nos corredores, luzes se

acenderam e apagaram conforme eles passavam, com suave automação.

— Pois bem — disse George Hadley.

Eles estavam de pé no chão de palha do berçário. Com doze metros de comprimento por doze de largura e nove de altura, tinha custado metade do resto da casa.

— Nossas crianças merecem — George dissera.

O berçário estava silencioso. Estava tão vazio quanto uma clareira de uma selva no calor do meio-dia. As paredes estavam vazias e bidimensionais. Nesse momento, enquanto George e Lydia Hadley estavam parados no centro do quarto, as paredes começaram a ronronar e recuar para um horizonte cristalino, assim parecia, e então uma savana africana apareceu, em três dimensões, de todos os lados, em cores reproduzidas até o último pedregulho e pedaço de palha. O teto acima deles virou um céu profundo com um sol amarelo quente.

George Hadley sentiu o suor brotar em sua testa.

— Vamos sair desse sol — ele disse. — Isso está um pouco realista demais. Mas não vejo nada de errado.

— Espere um instante, você vai ver — disse sua esposa.

Os odorofônicos ocultos estavam começando a soprar uma brisa aromática na direção das duas pessoas no meio da savana abafada. O cheiro de palha quente da grama de leão, o cheiro verde fresco do lago oculto, o forte cheiro enferrujado de animais, o cheiro de pó como páprica vermelha no ar quente. E agora os sons: a batida de pés distantes de antílopes no solo gramado, o farfalhar de abutres como o som de papel. Uma sombra passa pelo céu. A sombra passa pelo rosto suado de George Hadley, virado para cima.

— Criaturas imundas. — Ele ouviu sua esposa dizer.

— Os abutres.

— Veja, há leões bem longe naquela direção. Estão a caminho do lago. Eles comeram recentemente — disse Lydia. — Só não sei o quê.

— Algum animal. — George Hadley levanta sua mão para proteger os olhos apertados contra a luz ardente. — Uma zebra ou uma girafa bebê, talvez.

— Você tem certeza? — Sua esposa soa particularmente tensa.

— Não, é um pouco tarde para ter *certeza* — ele disse, em tom de brincadeira. — Não consigo ver nada lá além de ossos limpos e os abutres descendo para pegar o que sobrou.

— Você ouviu o grito? — ela perguntou.

— Não.

— Cerca de um minuto atrás?

— Desculpe, não.

Os leões estavam vindo. E mais uma vez George Hadley ficou cheio de admiração pelo gênio mecânico que tinha concebido esse quarto. Um milagre da eficiência à venda por um preço absurdamente baixo. Toda casa deveria ter um assim. Ah, de vez em quando eles assustavam pela precisão clínica, davam um susto em você, faziam-no tremer, mas a maior parte do tempo, que diversão para todos, não apenas para seu filho ou filha, mas para você mesmo, quando sentia vontade de passear rapidamente por uma terra estrangeira, uma rápida mudança de cenário. Pois bem, aqui estava!

E aí estavam os leões agora, a uns cinco metros de distância, tão reais, tão febril e surpreendentemente reais, que

era possível sentir os pelos pinicando sua mão, e sua boca se enchia com o cheiro de estofamento empoeirado emanando de suas peles aquecidas, e o amarelo da cor deles se mostrava aos seus olhos como a cor de uma tapeçaria exótica francesa, o amarelo de leões e da grama de verão, e o som de pulmões de leões foscos expirando no silêncio do meio-dia, e o cheiro de carne de suas bocas abertas, ofegantes e babadas.

Os leões pararam, encarando George e Lydia Hadley com olhos verde-amarelados terríveis.

— Cuidado! — gritou Lydia.

Os leões avançaram correndo na direção deles.

Lydia virou e correu. Instintivamente, George acelerou atrás dela. Do lado de fora, atrás da porta fechada com força, ele estava rindo e ela, chorando, e um estava chocado com a reação do outro.

— George!

— Lydia! Minha pobre querida Lydia!

— Eles quase pegaram a gente!

— São paredes, Lydia, lembre-se disso; paredes de cristal, são apenas isso. Eles parecem de verdade, devo admitir... a África na sua sala de estar... mas é tudo feito de filmes coloridos superacionários dimensionais e supersensitivos, e filme mental, por trás de telas de vidro. É tudo odorofônico e sônico, Lydia. Aqui, pegue meu lenço.

— Estou com medo. — Ela foi até ele e colocou seu corpo contra o dele, chorando persistentemente. — Você viu? Sentiu? É real demais.

— Lydia, por favor...

— Você precisa dizer a Wendy e Peter para pararem de ler sobre a África.

— Claro... é claro. — Ele colocou a mão no ombro dela.

— Promete?

— Sim.

— E tranque o berçário por alguns dias até eu me acalmar.

— Você sabe como Peter odeia isso. Quando o castiguei um mês atrás, trancando o berçário por apenas algumas horas... ele deu um chilique e tanto! Wendy também. Eles *amam* o berçário.

— Ele precisa ficar trancado, é simples assim.

— Está bem. — Relutante, ele trancou a enorme porta. — Você tem trabalhado demais. Precisa descansar.

— Eu não sei... eu não sei — ela disse, assoando o nariz, sentando-se numa cadeira que imediatamente começa a balançar e confortá-la. — Talvez eu não tenha o suficiente para fazer. Talvez tenha tempo demais para pensar. Por que não desligamos essa casa toda por alguns dias e tiramos férias?

— Está dizendo que fritaria ovos para mim?

— Sim — ela assente.

— E remendaria minhas meias?

— Sim. — Ela assente freneticamente, olhos molhados.

— E varreria a casa?

— Sim, sim... com certeza!

— Mas eu achei que fosse esse o motivo de compramos essa casa, para que não precisássemos fazer nada.

— É exatamente esse o problema. Sinto como se eu não tivesse lugar aqui. A casa é esposa e mãe, e agora babá. Como eu poderia competir com uma savana africana? Como poderia

dar banho e esfregar as crianças com a eficiência e rapidez com que a banheira com escova automática consegue? Não posso. E não sou só eu. Você também. Você tem estado muito nervoso ultimamente.

— Talvez eu esteja fumando demais.

— Também parece não saber o que fazer nesta casa. Você fuma um pouco mais a cada manhã, bebe um pouco mais a cada tarde e precisa de um pouco mais de sedativos a cada noite. Você também está começando a se sentir desnecessário.

— Estou? — Ele parou e tentou refletir para ver o que realmente estava acontecendo.

— Ah, George! — Ela olha para além dele, para a porta do berçário. — Esses leões não conseguem escapar daí, conseguem?

Ele olhou para a porta e a viu tremer, como se alguma coisa tivesse pulado contra ela do outro lado.

— É claro que não — ele disse.

NO JANTAR, COMERAM SOZINHOS, pois Wendy e Peter estavam num circo plástico especial do outro lado da cidade e tinham videocomunicado que se atrasariam e, por isso, seus pais deveriam começar a comer sem eles. Então George Hadley, confuso, sentou-se para assistir à mesa de jantar produzir pratos quentes de comida no seu interior mecânico.

— Esquecemos do ketchup — ele disse.

— Desculpe — disse uma voz baixa dentro da mesa, e o ketchup apareceu.

Quanto ao berçário, pensou George Hadley, não será de todo mal para as crianças mantê-lo trancado por um tempo. Nada em excesso faz bem. E claramente as crianças estavam passando tempo demais na África. Aquele *sol*. Ele ainda podia senti-lo na sua nuca, como uma pata quente. E os *leões*. E o cheiro de sangue. Incrível como o berçário captava as transmissões telepáticas das mentes das crianças e criava vida para atender a cada um dos seus desejos. Se as crianças pensavam em leões, lá estavam os leões. As crianças pensavam em zebras, e lá estavam zebras. Sol... sol. Girafas... girafas. Morte e morte.

Essa *última*. Ele parou para mastigar sem saborear a carne que a mesa tinha cortado para ele. Pensamentos sobre a morte. Eram jovens demais, Wendy e Peter, para pensar na morte. Ou não, nunca se é jovem demais para isso, na verdade. Muito tempo antes de saber o que era a morte, você a deseja para outras pessoas. Quando tinha dois anos de idade e atirava em pessoas com pistolas de espoleta.

Mas isso, a savana africana extensa e quente, a morte terrível nas mandíbulas de um leão. Repetida de novo e de novo.

— Aonde está indo?

Ele não respondeu à pergunta de Lydia. Preocupado, deixou as luzes brilharem suavemente à sua frente, apagando atrás dele conforme caminhava em silêncio até a porta do berçário. Parou para escutar. Lá longe, um leão rugia.

Ele destrancou a porta e a abriu. Logo antes de dar um passo para dentro, ouviu um grito longínquo. E então outro rugido dos leões, que diminuiu rapidamente.

Caminhou para dentro da África. Quantas vezes no ano passado abriu essa porta e encontrou o país das maravilhas, Alice e a Tartaruga Falsa, ou Aladdin e sua lâmpada mágica, ou Jack Cabeça de Abóbora de Oz, ou Dr. Dolittle, ou uma vaca saltando por cima de uma lua muito realista, todos os detalhes deliciosos de um mundo de faz de conta. Quantas vezes não viu Pégaso voando pelo céu do teto, ou viu fontes de fogos de artifício vermelhos, ou ouviu vozes de anjos cantando. Mas agora, essa África amarela e quente, esse forno com assassinato no calor. Talvez Lydia estivesse certa. Talvez eles precisassem de umas férias da fantasia que estava ficando um pouco real demais para crianças de dez anos. Uma coisa era exercitar a mente com fantasias dinâmicas, mas e quando a mente vibrante da criança se acomodava em um único padrão...? Parecia que, no último mês, ele tinha ouvido leões rugindo ao longe e sentido o seu cheiro forte vazando até a porta do seu escritório. Mas, por ser um homem ocupado, ele não tinha prestado atenção.

George Hadley parou no meio da savana africana, sozinho. Os leões levantaram a cabeça de onde estavam se alimentando, observando-o. A única falha na ilusão era a porta aberta, através da qual podia enxergar sua esposa, no fundo do corredor escuro, como uma pintura numa moldura, comendo seu jantar, distraída.

— Vão embora — ele disse para os leões.

Eles não foram.

Ele sabia exatamente como o quarto funcionava. Você transmitia seus pensamentos. O que quer que pensasse, aparecia.

— Eu quero ver Aladdin e sua lâmpada — ele disse abruptamente.

A savana permaneceu; os leões permaneceram.

— Vamos lá, quarto! Eu exijo Aladdin! — ele disse.

Nada aconteceu. Os leões resmungaram em suas pelagens quentes.

— Aladdin!

Ele voltou para o jantar.

— Aquela porcaria de quarto está com defeito — ele disse.

— Ele não responde aos comandos.

— Ou...

— Ou o quê?

— Ou talvez não *consiga* responder — Lydia disse —, porque as crianças pensaram em África, leões e matanças por tantos dias que o quarto está preso nisso.

— Talvez.

— Ou talvez Peter o tenha configurado para ficar assim.

— *Configurado?*

— Ele pode ter entrado no maquinário e mexido em alguma coisa.

— Peter não entende de maquinários.

— Ele é esperto para alguém de dez anos. O *qi* que ele tem...

— Mesmo assim...

— Oi, mãe. Oi, pai.

Os Hadleys se viraram. Wendy e Peter entravam pela porta da frente, bochechas como balas de hortelã, olhos como bolas de gude de ágata azul vibrante, um cheiro de ozônio nos macacões por causa da viagem no helicóptero.

— Vocês chegaram bem em tempo de jantar — disseram ambos os pais.

— Estamos entupidos de sorvete de morango e cachorros-quentes — as crianças responderam, dando as mãos. — Mas podemos sentar e assistir.

— Sim, venham nos contar sobre o berçário — disse George Hadley.

Irmão e irmã piscaram para ele e então um para o outro.

— Berçário?

— Sim, sobre a África e tudo mais — disse o pai com falsa jovialidade.

— Não estou entendendo — disse Peter.

— Sua mãe e eu estávamos viajando pela África com vara de pescar e câmara fotográfica; Tom Swift e seu Leão Elétrico — disse George Hadley.

— Não tem nenhuma África no berçário. — Peter disse simplesmente.

— Por favor, Peter. Sabemos muito bem o que tem lá.

— Não lembro de nenhuma África — disse Peter para Wendy. — E você?

— Não.

— Corre lá para ver e depois fala pra gente.

Ela obedeceu.

— Wendy, volte aqui! — disse George Hadley, mas ela já tinha ido embora. As luzes da casa a seguiram como um enxame de vaga-lumes. Tarde demais, ele se deu conta de que tinha esquecido de trancar o berçário depois da última inspeção.

— A Wendy vai ver e depois conta pra gente — disse Peter.

— Para *mim* ela não precisa contar nada. Eu vi.

— Tenho certeza de que se enganou, pai.

— Não mesmo, Peter. Venha comigo.

Mas Wendy tinha voltado.

— Não é a África — ela disse, sem fôlego.

— Veremos — disse George Hadley, e todos caminharam pelo corredor juntos e abriram a porta do berçário.

Havia uma floresta verde e amigável, um rio adorável, uma montanha roxa, vozes altas cantando e Rima, adorável e misteriosa, à espreita entre as árvores com grupos coloridos de borboletas, como buquês animados, pousadas em seus longos cabelos. A savana africana tinha sumido. Os leões tinham sumido. Só existia Rima lá agora, cantando uma música linda, de levar às lágrimas.

George Hadley observou a cena diferente.

— Vão para a cama — ele disse para as crianças.

Elas abriram a boca.

— Vocês me ouviram — ele disse.

Eles foram até o armário de ar, onde um vento os sugou como folhas secas subindo pela tubulação e os levou até seus quartos de repouso.

George Hadley caminhou pela clareira cantante e pegou algo que estava caído no canto perto de onde os leões haviam estado. Caminhou de volta lentamente até a esposa.

— O que é isso? — ela perguntou.

— Uma carteira velha minha — ele disse.

Ele mostrou a carteira a ela. Cheirava a grama quente e a leão. Havia gotas de saliva nela, ela fora mastigada, e tinha manchas de sangue dos dois lados.

Ele fechou a porta do berçário e a trancou bem fechada.

NO MEIO DA NOITE, ele ainda estava acordado e sabia que sua esposa também.

— Você acha que Wendy mudou o lugar? — ela por fim disse, no quarto escuro.

— É claro.

— Mudou da savana para uma floresta e colocou Rima lá em vez dos leões?

— Sim.

— Por quê?

— Não sei. Mas vai ficar trancado até eu descobrir.

— Como sua carteira chegou lá?

— Eu não sei de nada — ele disse. — Só que estou começando a me arrepender de termos comprado o quarto para as crianças. Se crianças tiverem algum tipo de neurose, um quarto como aquele...

— Deveria ajudá-las a processar suas neuroses de uma forma saudável.

— Começo a duvidar — ele disse, encarando o teto.

— Sempre demos aos nossos filhos tudo o que eles quiseram. E recebemos em troca... segredos e desobediência?

— Quem foi que disse que “Crianças são como tapetes, de vez em quando é necessário pisar nelas”? Nunca levantamos uma mão. Eles são insuportáveis, precisamos admitir isso. Eles

vêm e vão quando querem e nos tratam como se *nós* fôssemos as crianças. São mimados, e nós também.

— Eles andam agindo estranho desde que você os proibiu de levar o foguete para Nova York alguns meses atrás.

— Eles não têm idade para fazer isso sozinhos, eu expliquei.

— Seja como for, notei que eles andam mais frios com a gente desde então.

— Acho que vou pedir para o David McClean vir amanhã de manhã dar uma olhada na África.

— Mas não é mais África, é o lugar de *A flor que não morreu*.

— Algo me diz que até lá voltará a ser África.

Um instante depois eles ouviram os gritos.

Dois gritos. Duas pessoas gritando lá de baixo. Em seguida, o rugido de leões.

— Wendy e Peter não estão nos seus quartos — disse sua esposa.

Ele continuou deitado, coração acelerado.

— Não — ele disse. — Eles invadiram o berçário.

— Esses gritos... eles soam familiares.

— É?

— Sim, bastante.

E, embora suas camas tentassem obstinadamente, os dois adultos se recusaram a ser colocados para dormir por mais uma hora. Havia um cheiro felino no ar noturno.

— PAI? — PETER disse.

— Sim.

Peter encarou seus sapatos. Ele não olhava mais para seu pai nem para sua mãe.

— Você não vai trancar o berçário de vez, né?

— Isso depende.

— De quê? — Peter retrucou abruptamente.

— De você e da sua irmã. Se alternarem essa África com um pouco mais de variedade, não sei, talvez Suécia, ou Dinamarca, ou China...

— Achei que éramos livres para brincar como quiséssemos.

— São, dentro de limites razoáveis.

— Qual o problema com a África, pai?

— Então resolveu admitir que estava conjurando a África, hein?

— Eu não quero que você tranque o berçário — Peter disse, friamente. — Nunca.

— Para falar a verdade, estamos pensando em desligar a casa inteira por cerca de um mês. Viver uma espécie de vida tranquila, um por todos.

— Isso parece horrível! Eu teria que amarrar meus próprios cadarços em vez de deixar o amarrador de sapatos fazer isso? Escovar meus próprios dentes, pentear meu próprio cabelo e me dar banho?

— Seria divertido variar, não acha?

— Não, seria terrível. Não gostei quando você tirou o pintor de quadros mês passado.

— Eu fiz isso porque queria que você aprendesse a pintar sozinho, filho.

— Não quero fazer nada além de olhar, escutar e cheirar; o que mais *existe* para se fazer?

— Está bem, vá brincar na África.

— Você vai desligar a casa em breve?

— Estamos pensando nisso.

— Acho que não devia mais pensar nisso, pai.

— Eu não vou aceitar ameaças do meu filho!

— Então tá. — Peter saiu andando a passos largos para o berçário.

* * *

— EU CHEGUEI NA hora certa? — disse David McClean.

— Café da manhã? — perguntou George Hadley.

— Não, obrigado, já comi. Qual é o problema?

— David, você é psicólogo.

— Espero que sim.

— Bom, então, dê uma olhada no nosso berçário. Você o viu um ano atrás, quando veio nos visitar; notou algo estranho nele na época?

— Creio que não; a violência habitual, tendência de leve paranoia aqui e acolá, normal em crianças porque se sentem perseguidas constantemente pelos pais, mas nada de muito concreto.

Eles caminharam pelo corredor.

— Eu tranquei o berçário — o pai explicou — e as crianças o invadiram de novo durante a noite. Eu as deixei ficar para

elas formarem os padrões e você poder ver.

Uma gritaria terrível veio do berçário.

— Lá está ele — disse George Hadley. — Veja o que acha disso.

Eles entraram no quarto das crianças sem bater.

Os gritos já tinham silenciado. Os leões estavam se alimentando.

— Corram lá para fora um instante, crianças — disse George Hadley. — Não, não mexam na combinação mental. Deixem as paredes como estão. Vão!

Sem as crianças por perto, os dois homens ficaram estudando os leões agrupados ao longe, comendo com grande deleite o que quer que tivessem capturado.

— Queria saber o que é aquilo — disse George Hadley. — Às vezes eu quase consigo enxergar. Acha que se trouxesse uns binóculos potentes para cá e...

David McClean deu uma risada seca.

— Acho difícil. — Ele se virou para estudar todas as quatro paredes. — Há quanto tempo isso vem acontecendo?

— Pouco mais de um mês.

— Certamente não dá uma *sensação* boa.

— Quero fatos, não sensações.

— Meu caro George, psicólogos nunca veem fatos. Eles só escutam sobre sentimentos, coisas vagas. Isso não está com uma cara boa, estou dizendo. Confie nas minhas sensações e instintos. Consigo perceber quando existe algo errado. E isso aqui está bem errado. Meu conselho é que esse quarto maldito inteiro seja desmontado e seus filhos venham me ver todo dia durante o próximo ano para tratamento.

— Tão ruim assim?

— Temo que sim. Um dos usos originais desses berçários era nos permitir estudar os padrões deixados nas paredes pela mente da criança, estudá-los com calma e ajudá-la. Nesse caso, contudo, o quarto se tornou um canal voltado para... pensamentos destrutivos, em vez de um escape deles.

— Não sentiu isso antes?

— Só senti que você tinha mimado seus filhos mais do que a média. E agora os está decepcionando de alguma forma. De que forma?

— Eu não deixei eles irem para Nova York.

— O que mais?

— Tirei algumas máquinas da casa e ameacei, um mês atrás, de fechar o berçário a menos que fizessem o dever de casa. Cheguei a fechá-lo para valer por alguns dias para mostrar que estava falando sério.

— Então é isso!

— Isso significa alguma coisa?

— Significa tudo. Onde antes eles tinham um Papai Noel, agora têm o Scrooge. As crianças preferem o Papai Noel. Você deixou esse quarto e essa casa substituírem você e sua esposa nas relações afetivas com seus filhos. Esse quarto se tornou a mãe e o pai deles, muito mais importante na vida deles do que os pais de verdade. E vocês resolveram desligá-lo. Não é de admirar que exista ódio aqui. Dá para senti-lo vindo do céu. Sinta esse sol. George, você precisará mudar sua vida. Como muitos outros, você se acostumou com o conforto. Morreria de fome amanhã se algo desse errado na sua cozinha. Você não saberia nem como fritar um ovo. Apesar disso, precisa desligar

tudo. Começar do zero. Vai levar tempo. Mas transformaremos suas crianças más em boas crianças em um ano, pode apostar.

— Mas o choque não vai ser muito grande para as crianças se desligarmos o quarto de repente de uma vez?

— Não quero que mergulhem ainda mais fundo, só isso.

Os leões tinham encerrado seu banquete sanguinolento.

Os leões estavam de pé na beira da clareira observando os dois homens.

— Agora *eu* estou me sentindo perseguido — disse McClean. — Vamos sair daqui. Nunca gostei muito dessas porcarias de quartos. Me deixam nervoso.

— Os leões parecem reais, não é? — disse George Hadley. — Não teria algum jeito de eles...

— O quê?

— ... de eles *se tornarem* reais?

— Não que eu saiba.

— Alguma falha no maquinário, uma interferência ou algo assim?

— Não.

Eles foram até a porta.

— Imagino que o quarto não goste de ser desligado — disse o pai.

— Nada gosta de morrer, nem mesmo um quarto.

— Será que ele me odeia por querer desligá-lo?

— A paranoia está rolando solta aqui hoje — disse David McClean. — Dá para segui-la como um rastro. Ei. — Ele se inclinou e pegou um cachecol ensanguentado. — Isso é seu?

— Não. — O rosto de George Hadley ficou tenso. — É da Lydia.

Eles foram juntos até a caixa de fusíveis e empurraram a alavanca que desligava o berçário.

AS DUAS CRIANÇAS ESTAVAM histéricas. Gritavam e pulavam e arremessavam coisas. Berravam, soluçavam, praguejavam e escalavam a mobília.

— Você não pode fazer isso com o berçário, não pode!

— Crianças, por favor.

As crianças se atiraram no sofá, choramingando.

— George — disse Lydia Hadley —, ligue o berçário, só por alguns instantes. Não pode ser tão abrupto.

— Não.

— Você não pode ser tão cruel.

— Lydia, está desligado e vai continuar desligado. E a porcaria da casa inteira morre aqui e agora. Quanto mais vejo a confusão em que nos metemos, mais fico enjoado. Passamos tempo demais contemplando nossos umbigos eletrônicos e mecânicos. Meu Deus, precisamos e muito de um ar fresco!

E ele marchou pela casa desligando os relógios de voz, os fogões, aquecedores, engraxates de sapato, amarradores de sapato, os escovadores, esfregadores e massageadores corporais e todas as outras máquinas em que conseguiu pôr as mãos.

A casa parecia estar cheia de cadáveres. Um cemitério mecânico. Tão silenciosa. Nada daquela energia oculta das máquinas zumbindo, esperando para funcionar ao apertar de um botão.

— Não deixem eles fazerem isso! — chorou Peter olhando para o teto, como se estivesse falando com a casa, com o

berçário. — Não deixe papai acabar com tudo. — Ele se virou para seu pai. — Ah, como odeio você!

— Insultos não vão levá-lo a lugar algum.

— Queria que você estivesse morto!

— E nós estivemos, por muito tempo. A partir de agora vamos realmente começar a viver. Em vez de sermos cuidados e mimados, vamos realmente *viver*.

Wendy ainda estava chorando e Peter se juntou mais uma vez a ela.

— Só um minuto, só um minutinho, só mais uma visita ao berçário — eles lamentaram.

— Ah, George — disse a esposa — não faria nenhum mal.

— Certo... certo, se for para eles calarem a boca. Um minuto só, entendido? E então será desligado para sempre.

— Papai, papai, papai! — As crianças cantaram, sorrindo com rostos molhados.

— E depois vamos sair de férias. David McClean está voltando em meia hora para nos ajudar na mudança e a chegar ao aeroporto. Eu vou me vestir. Você liga o berçário por um minuto, Lydia. Só um minuto, entendeu?

E os três saíram tagarelando enquanto ele se deixou ser sugado até o andar de cima pelo duto de ar e começou a se vestir. Um minuto depois, Lydia apareceu.

— Vou ficar aliviada quando estivermos fora daqui — ela disse, suspirando.

— Você os deixou no berçário?

— Eu queria vir me vestir também. Pois é, aquela África horrível. O que eles veem nela?

— Bom, em cinco minutos estaremos a caminho de Iowa. Pelo amor de Deus, como a gente veio parar nessa casa? O que nos levou a adquirir esse pesadelo?

— Orgulho, dinheiro, imprudência.

— Acho melhor a gente descer antes que as crianças sejam hipnotizadas pelas malditas feras novamente.

Foi quando ouviram as crianças chamando.

— Papai, mamãe, venham cá rápido... rápido!

Eles desceram pelo duto de ar e correram pelo corredor. As crianças não estavam à vista.

— Wendy? Peter!

Eles correram até o berçário. A savana estava vazia, exceto pelos leões esperando, encarando-os.

— Peter, Wendy?

A porta bateu.

— Wendy, Peter!

George Hadley e sua esposa giraram e correram até a porta.

— Abram a porta! — gritou George Hadley, tentando a maçaneta. — Ora, eles trancaram pelo lado de fora! Peter! — Ele bateu na porta. — Abram isso!

Ele ouviu a voz de Peter do lado de fora, perto da porta.

— Não deixem eles desligarem o berçário e a casa — ele dizia.

O sr. e a sra. Hadley bateram na porta.

— Vamos lá, não sejam ridículas, crianças. É hora de irmos. O sr. McClean chegará em um minuto e...

E então eles ouviram os sons.

Os leões cercando-os por três lados, na grama amarela da savana, andando pela palha seca, rugidos e rosnados em suas

gargantas.

Os leões.

O sr. Hadley olhou para sua esposa e eles se viraram e observaram as bestas lentamente avançando, se agachando, rabos parados.

O sr. e a sra. Hadley gritaram.

E de repente eles entenderam por que os outros gritos tinham soado tão familiares.

— BEM, CHEGUEI — disse David McClean na entrada do berçário. — Ah, olá. — Ele encarou as duas crianças sentadas no centro da clareira aberta fazendo um pequeno piquenique. Atrás delas estava o lago e a savana amarela, acima, o sol quente. Ele começou a suar. — Onde estão seus pais?

As crianças levantaram a cabeça e sorriram.

— Ah, eles devem voltar em breve.

— Ótimo, precisamos ir andando. — Ao longe, o sr. McClean viu os leões lutando e golpeando com suas garras e então se aquietando para se alimentar silenciosamente sob as árvores que os sombreavam.

Ele apertou os olhos para enxergar os leões, usando as mãos como proteção.

Os leões tinham terminado de se alimentar. Foram até a água matar a sede.

Uma sombra passou pelo rosto quente do sr. McClean. Muitas sombras passaram. Os abutres estavam descendo do céu ardente.

— Uma xícara de chá? — perguntou Wendy no silêncio.

*image
not
available*

apenas vozes... todo tipo de voz, desencarnadas e inflamadas, em vários graus de terror e resignação.

— Estamos nos afastando.

Isso era verdade. Hollis, girando de pernas para o ar, sabia que isso era verdade. De certo modo, ele sabia e não lutava contra isso. Estavam se separando para cada um seguir o seu caminho, e nada poderia trazê-los de volta. Estavam vestindo seus trajes espaciais selados com os tubos de vidro sobre os rostos pálidos, mas não tiveram tempo de encaixar suas unidades de força. Com elas, eles poderiam ser pequenos botes salva-vidas no espaço, salvando a si mesmos, salvando outros, se reunindo e se encontrando até formarem uma ilha de homens com algum plano. Mas sem as unidades de força presas aos ombros eram meteoros absurdos, cada um partindo para um destino diferente e inalterável.

Um período de talvez dez minutos se passou enquanto o terror inicial se dissipava e uma calma metálica ocupava seu lugar. O espaço começou a tecer suas vozes estranhas de um lado a outro, num grande tear escuro, cruzando, recruzando, criando um padrão final.

— Stone para Hollis. Quanto tempo podemos falar pelo telefone?

— Depende da velocidade com que você está seguindo por seu caminho e eu pelo meu.

— Uma hora, eu calculo.

— Deve ser por aí — disse Hollis, distraído e quieto. — O que aconteceu? — disse Hollis um minuto depois.

— O foguete explodiu, foi isso que aconteceu. Foguetes explodem.

— Qual a sua direção?

— Parece que vou bater na Lua.

— Estou indo na direção da Terra. De volta à boa e velha Mãe Terra a dezesseis mil quilômetros por hora. Vou queimar que nem um fósforo. — Hollis pensou nisso com uma estranha abstração mental. Ele parecia separado de seu corpo, observando-se cair cada vez mais pelo espaço, tão objetivo em relação a isso quanto tinha sido a respeito dos primeiros flocos de neve de um inverno de muito tempo atrás.

OS OUTROS ESTAVAM EM silêncio, pensando no destino que os tinha trazido a isso, cair, cair, sem poder fazer nada para mudar essa situação. Até o capitão estava silencioso, pois não havia comando ou plano que conhecesse para consertar as coisas.

— Ah, é um longo caminho até lá embaixo. Um longo caminho até lá embaixo, um caminho muito, muito, muito longo — disse uma voz. — Eu não quero morrer, não quero morrer, é um longo caminho até lá embaixo.

— Quem disse isso?

— Não sei.

— Stimson, eu acho. Stimson, é você?

— É um caminho muito, muito longo, e não estou gostando disso. Ah, Deus, não estou gostando disso.

— Stimson, aqui é Hollis. Stimson, está me ouvindo?

Uma pausa enquanto caíam, separando-se um do outro.

— Stimson?

— Sim — ele respondeu, finalmente.

— Stimson, calma. Estamos todos com o mesmo problema.

— Não quero estar aqui. Quero estar em outro lugar.

— Existe uma chance de sermos encontrados.

— Preciso ser, preciso ser — disse Stimson. — Não acredito nisso; não acredito que nada disso esteja acontecendo.

— É um pesadelo — disse alguém.

— Cale essa boca! — disse Hollis.

— Vem me fazer calar — diz a voz. Era Applegate. Ele riu com facilidade, com uma objetividade similar. — Vem aqui me fazer calar.

Pela primeira vez Holly sentiu a impossibilidade da sua posição. Foi tomado por uma grande fúria, porque queria mais do que tudo neste momento ser capaz de dar um jeito em Applegate. Ele quis por muitos anos fazer algo, e agora era tarde demais. Applegate era apenas uma voz ao telefone.

Caindo, caindo, caindo...

NESSE MOMENTO, COMO SE tivessem acabado de descobrir o horror, dois dos homens começaram a gritar. Em um pesadelo Hollis viu um deles passar flutuando, muito próximo, gritando e gritando.

— Pare com isso!

O homem estava quase ao alcance dos seus dedos, gritava insanamente. Ele nunca iria parar. Continuará gritando por um milhão de quilômetros, enquanto estivesse ao alcance do rádio, perturbando todos eles, impossibilitando que conversassem uns com os outros.

Hollis esticou a mão. Era melhor assim. Fez um esforço adicional e encostou no homem. Segurou no tornozelo dele e

se puxou ao longo do corpo até chegar à cabeça. O homem gritava e girava os braços freneticamente, como um nadador que se afogava. Os gritos preenchiavam o universo.

De um jeito ou de outro, pensou Hollis. A Lua, a Terra ou meteoros iriam matá-lo, então por que não agora?

Esmagou a máscara de vidro do homem com seu punho de ferro. Os gritos pararam. Empurrou o corpo para longe e deixou-o seguir girando em sua própria rota, caindo.

Caindo, caindo pelo espaço, Hollis e os outros continuaram num mergulho profundo, interminável e silencioso.

— Hollis, ainda está aí?

Hollis não disse nada, mas sentiu o calor no rosto.

— Aqui é Applegate de novo.

— Certo, Applegate.

— Vamos conversar. Não temos mais nada para fazer.

O capitão interrompe.

— Chega disso. Precisamos achar um jeito de sair dessa.

— Capitão, por que você não cala a boca? — disse Applegate.

— O quê?

— Você me ouviu, capitão. Não vem com essa de hierarquia para cima de mim, você está a dezesseis mil quilômetros de distância a essa altura, não vamos nos enganar. Como Stimson disse, é um caminho muito, muito longo.

— Escute bem, Applegate!

— Nem vem. Esse é um motim de um homem só. Não tenho droga nenhuma a perder. Sua nave era uma porcaria de nave, você foi uma porcaria de capitão e espero que você se espatife quando acertar a Lua.

*image
not
available*

ERA TÃO ESTRANHO. ESPAÇO, milhares de quilômetros de espaço, e as vozes vibrando no meio dele. Ninguém visível, apenas as ondas de rádio estremecendo e tentando provocar emoções em outros homens.

— Você está com raiva, Hollis?

— Não. — Ele não estava. A abstração retornara e ele era uma coisa de concreto insosso, caindo para sempre em direção ao nada.

— A vida inteira você quis chegar no topo, Hollis. Você sempre se perguntou o que aconteceu. Eu queimei o seu nome logo antes de ser despedido.

— Isso não é importante — disse Hollis. E não era. Já tinha acontecido. Quando a vida termina, é como uma cena de um filme iluminado, um instante na tela, todos os seus preconceitos e paixões condensados e iluminados por um instante no espaço e, antes que você tenha tempo de gritar “Houve um dia feliz e um dia ruim, ali um rosto perverso e ali um rosto amigável”, o filme já queimou até virar cinzas, a tela ficou escura.

Dessa borda externa da sua vida, olhando em retrospecto, ele só tinha um remorso, desejar continuar vivendo. Será que todas as pessoas condenadas se sentiam assim, como se nunca tivessem vivido? A vida parecia assim tão curta, de fato, encerrada e concluída antes de você respirar? Parecia assim tão abrupta e impossível para todos ou só para ele, aqui, agora, com poucas horas restantes para pensar e refletir?

Outro homem, Lespere, estava falando.

— Bem, eu me diverti bastante: eu tinha uma esposa em Marte, Vênus e Júpiter. Todas tinham dinheiro e me tratavam

*image
not
available*

— Sim, é melhor!

— Como?

— Porque tenho meus pensamentos, eu lembro! — gritou Lespere, lá longe, indignado, apertando suas lembranças contra o peito com ambas as mãos.

E ele estava certo. Com uma sensação de água fria encharcando sua cabeça e seu corpo, Hollis sabia que ele estava certo. Havia diferenças entre memórias e sonhos. Ele só tinha sonhos sobre o que gostaria de fazer, enquanto Lespere guardava memórias de tudo que havia feito e realizado. E esse entendimento começou a despedaçar Hollis, com uma precisão lenta e trêmula.

— E do que isso adianta? — ele disse a Lespere. — Agora? Quando algo termina não serve para mais nada. Você não é melhor do que eu.

— Eu estou em paz — disse Lespere. — Tive minha vez. Não serei cruel no meu fim, como você.

— Cruel? — Hollis saboreou a palavra em sua boca. Nunca fora cruel na sua vida, até onde se lembrava. Nunca ousara ser cruel. Provavelmente havia guardado sua crueldade durante todos esses anos para uma oportunidade como essa. — Cruel. — Ele revirou a palavra no fundo de sua mente. Sentiu lágrimas brotarem nos seus olhos e escorrerem pelo rosto. Alguém deve ter ouvido sua voz arfante.

— Pega leve, Hollis.

Era ridículo, é claro. Um minuto atrás ele dava conselhos aos outros, a Stimson; tinha sentido uma coragem que considerou genuína e que agora sabia não passar de choque e da objetividade possibilitada pelo choque. Agora ele tentava

condensar uma vida inteira de emoções reprimidas em um intervalo de minutos.

— Sei como você se sente, Hollis — disse Lespere, agora a mais de trinta mil quilômetros de distância, sua voz ficando inaudível. — Não levo para o lado pessoal.

Mas não somos iguais?, ele se perguntou. Lespere e eu? Aqui e agora? Do que adianta algo que acabou, chegou ao fim? Você vai morrer de qualquer modo. Mas ele sabia que estava racionalizando, pois era como tentar ver a diferença entre um homem vivo e um cadáver. Havia uma faísca em um, e não no outro... uma aura, um elemento misterioso.

E tinha sido assim para Lespere e para ele mesmo; Lespere tivera uma vida boa e plena, e isso fez com que fosse um homem diferente neste momento. Já Hollis, era como se estivesse morto há muitos anos. Os dois chegaram à morte por caminhos distintos e se existem tipos de morte, seus tipos muito provavelmente seriam tão diferentes quanto o dia e a noite. Deve haver variedades infinitas de qualidades da morte, assim como da vida, e se alguém já morreu uma vez, então o que se podia esperar da morte definitiva à sua frente?

Um instante depois, ele descobriu que seu pé direito tinha sido completamente decepado. Isso quase o fez rir. O ar do seu traje havia esvaziado mais uma vez. Ele se inclinou rapidamente, havia sangue, e o meteoro tinha removido a carne e o traje até a altura do tornozelo. Ah, a morte no espaço era tão engraçada. Ela cortava você pedaço por pedaço, como um açougueiro negro e invisível. Ele apertou a válvula no joelho, sua cabeça tonta de dor, lutando para permanecer consciente, e com a válvula apertada o sangue foi

interrompido, o ar ficou contido, ele se endireitou e continuou caindo, caindo, pois era só isso que restava fazer.

— Hollis?

Hollis assentiu com sono, cansado de esperar pela morte.

— Aqui é Applegate de novo — disse a voz.

— Sim.

— Fiquei pensando. Eu escutei o que você disse. Isso não é bom. Isso nos torna pessoas ruins. Esse é um jeito ruim de morrer. Traz toda a bile para fora. Está escutando, Hollis?

— Sim.

— Eu menti, um minuto atrás. Eu não vetei seu nome. Nem sei por que disse aquilo. Acho que queria machucar você. Você parecia ser a pessoa certa a ser machucada. Sempre brigamos. Acho que estou ficando velho rápido e me arrependendo rápido. Escutar você sendo cruel me deixou com vergonha, acho. Seja qual for o motivo, fui um idiota também e quero que saiba disso. Não existe nem um pingo de verdade no que eu falei. Mas que merda.

Hollis sentiu seu coração começar a funcionar novamente. Parecia que não havia funcionado por cinco minutos, mas agora todos os seus membros começaram a adquirir cor e calor. O choque passou, os choques sucessivos de fúria, terror e solidão estavam passando. Ele se sentia como um homem emergindo de um banho frio de chuveiro pela manhã, pronto para o café da manhã e um novo dia.

— Obrigado, Applegate.

— Disponha. Vai se danar, seu canalha.

— Ei — disse Stone.

— O quê? — Hollis gritou através do espaço; pois Stone, de todos eles, era um bom amigo.

— Eu me meti num enxame de meteoros, alguns asteroides pequenos.

— Meteoros?

— Acho que é o agrupamento Mirmidão que passa por Marte e entra na rota da Terra uma vez a cada cinco anos. Estou bem no meio. É como um grande caleidoscópio. Tem todo tipo de cor, formato e tamanho. Meu Deus, é lindo, esse tanto de metal.

Silêncio.

— Eu estou indo com eles — disse Stone. — Eles estão me levando com eles. Caramba. — Ele riu.

Hollis virou para olhar, mas não viu nada. Havia apenas os grandes diamantes e safiras e as névoas esmeralda e a tinta de veludo do espaço, com a voz de Deus se misturando entre os fogos cristalinos. Havia um certo maravilhamento e alguma imaginação na ideia de Stone partir com o enxame de meteoros, passando por Marte por anos ao sair e voltando à Terra a cada cinco anos, entrando e saindo das redondezas do planeta pelos próximos milhões de séculos, Stone e o agrupamento Mirmidão, eternos e infindáveis, mudando e moldando como as cores do caleidoscópio de quando você era criança, segurava um tubo longo na direção do sol e o girava.

— Adeus, Hollis — a voz de Stone, muito fraca agora. — Adeus.

— Boa sorte — gritou Hollis a cinquenta mil quilômetros de distância.

— Não tente ser engraçado — disse Stone, e se foi.

*image
not
available*

O JOGO VIROU

QUANDO FICARAM SABENDO DA notícia, eles saíram dos restaurantes, cafés e hotéis e olharam para o céu. Levantaram suas mãos escuras sobre os olhos brancos voltados para cima. Estavam boquiabertos. No calor do meio-dia, por milhares de quilômetros havia cidadezinhas onde pessoas de pele escura ficaram de pé, suas sombras embaixo delas, olhando para cima.

Na sua cozinha, Hattie Johnson cobriu a sopa que fervia, limpou seus dedos esguios em um pano e caminhou cuidadosamente até a varanda de trás.

— Venha, mãe! Ei, mãe, vamos lá... você vai perder!

— Ei, mãe!

Três pequenos garotos negros dançavam no quintal empoeirado, gritando. De vez em quando eles olhavam para a casa, ansiosos.

— Estou indo — disse Hattie, e abriu a porta de tela. — Onde ouviram esse rumor?

— Lá na casa do Jones, mãe. Disseram que tem um foguete vindo, o primeiro em vinte anos, com um homem branco nele!

— O que é um homem branco? Nunca vi um.

— Você vai descobrir — disse Hattie. — Sim, de verdade, você vai descobrir.

— Conta pra gente sobre ele, mãe. Conta como foi.

Hattie franziu a testa.

— Bom, faz muito tempo. Eu era uma garotinha, sabe. Isso foi em 1965.

— Conta pra gente sobre o homem branco, mãe!

Ela foi até eles e ficou de pé no quintal, olhando para cima, para o céu azul marciano limpo com as nuvens marcianas finas e brancas, e lá longe as colinas marcianas fervendo no calor. Finalmente disse:

— Bom, antes de tudo, eles têm mãos brancas.

— Mãos brancas! — os garotos disseram, rindo e batendo com a palma das mãos.

— E eles têm braços brancos.

— Braços brancos! — os garotos disseram, agitados.

— E rostos brancos.

— Rostos brancos! *Jura?*

— Brancos *assim*, mãe? — o menor deles jogou pó no seu próprio rosto, espirrando. — Assim?

— Mais brancos do que isso — ela disse solenemente, e se virou para o céu novamente. Tinha uma expressão tensa no olhar, como se estivesse procurando uma tempestade lá no alto, preocupada por não estar conseguindo enxergá-la. — Talvez seja melhor vocês entrarem.

— Ah, mãe! — Eles olharam para ela, incrédulos. — Precisamos assistir, precisamos. Nada vai acontecer, vai?

— Eu não sei. Estou com um pressentimento, só isso.

— Só queremos ver a nave e de repente ir correndo até o porto ver aquele homem branco. Como ele é, hein, mãe?

— Eu não sei. Eu simplesmente não sei — ela disse em tom de reflexão, balançando a cabeça.

— Conta mais!

— Bom, as pessoas brancas vivem na Terra, que é de onde todos nós viemos, vinte anos atrás. Simplesmente nos levantamos e viemos aqui para Marte, nos instalamos, construímos cidades e aqui estamos. Agora somos marcianos, em vez de terráqueos. E nenhum homem branco passou por aqui durante todo esse tempo. Essa é a história.

— Por que eles não vieram, mãe?

— Bem, porque logo depois de chegarmos, a Terra passou por uma guerra atômica. Eles se explodiram de um jeito horrível. Eles se esqueceram da gente. Quando terminaram de lutar, anos depois, não tinham mais nenhum foguete. Foi só recentemente que conseguiram construir mais. Então aí vêm eles, vinte anos depois, para fazer uma visita. — Ela olha para os filhos entorpecida e começa a caminhar. — Esperem aqui. Vou descer pelo trilho até a casa da Elizabeth Brown. Prometem ficar aqui?

— Não era o que a gente queria, mas vamos ficar.

— Muito bem. — E ela corre pela rua.

Na casa dos Brown, ela chega em tempo de ver todo mundo apertado no carro da família.

— Ei, Hattie! Venha com a gente!

— Aonde estão indo? — ela disse, se aproximando sem fôlego.

— Ver o homem branco!

— É isso mesmo — disse o sr. Brown num tom sério. Ele gesticulou para os passageiros. — Essas crianças nunca viram um, e *eu* quase me esqueci como é.

— O que vão fazer com o homem branco? — perguntou Hattie.

— Fazer? — todos perguntaram. — Ora... só *olhar* para ele, só isso.

— Tem certeza?

— Que mais poderíamos fazer?

— Eu não sei — disse Hattie. — Só pensei que poderia haver problemas.

— Que tipo de problema?

— *Vocês sabem* — disse Hattie de forma vaga, envergonhada. — Vocês não vão linchá-lo, né?

— Linchá-lo? — Todos riram. O sr. Brown bateu no seu joelho. — Ora, por favor, menina, não! Vamos cumprimentá-lo. Não vamos, pessoal?

— Claro, claro!

Outro carro veio de outra direção e Hattie gritou:

— Willie!

— O que está fazendo por essas bandas? Cadê as crianças? — seu marido perguntou, com raiva. Ele encarou os outros. — Vocês vão que nem um bando de palermas ver o infeliz chegar?

— Exatamente — concordou o sr. Brown, assentindo e sorrindo.

— Bom, levem suas armas — disse Willie. — Eu estou a caminho de casa para pegar a minha agora mesmo!

— Willie!